



FREUD PARA HISTORIADORES: UMA ANÁLISE DA OBRA DE PETER GAY (1989) E SUAS IMPLICAÇÕES NA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA DA HISTÓRIA

Freud for historians: An analysis of Peter Gay's work (1989) and Its Implications in the psychoanalytical Understanding of History

Freud para historiadores: un análisis de la obra de Peter Gay (1989) y sus implicaciones en la comprensión psicoanalítica de la historia

Ester Braga de Araujo Bernardi¹
Ana Paula Vicentim²

Resumo: Este artigo reflete sobre as possibilidades de diálogo entre psicanálise e história a partir dos estudos de Peter Gay em Freud para historiadores (1989). O trabalho visa construir um breve estudo por meio da metodologia de pesquisa histórica e bibliográfica, para destacar a relevância da psicanálise como método de investigação social proposto por Freud nos estudos históricos. O texto enfatiza a validade da psicanálise como um estilo de pesquisa sensível e informado, que pode possibilitar respostas a questões antes indisponíveis e sugerir novas linhas de investigação, apesar de não ser um remédio milagroso ou senha mágica. Em última análise, o artigo cogita responder à questão: É possível o diálogo entre psicanálise e história?

Palavras-chave: Psicanálise. História. Freud.

Abstract: This article reflects on the possibilities for dialogue between psychoanalysis and history based on Peter Gay's studies in Freud for Historians (1989). The work aims to construct a brief study using historical and bibliographical research methodology to highlight the relevance of psychoanalysis as a social investigation method proposed by Freud in historical studies. The text emphasizes the validity of psychoanalysis as a sensitive and informed style of research that can enable answers to previously unavailable questions and suggest new lines of

inquiry, despite not being a miraculous remedy or magic password. Ultimately, the article aims to answer the question: Is dialogue between psychoanalysis and history possible?

Keywords: Psychoanalysis. History. Freud.

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação em História das Populações Amazônicas pela Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, Tocantins, Brasil. E-mail: ester.braga@mail.uft.edu.br; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4151612264196965>; Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0006-0857-8749>

²Mestranda do Programa de Pós Graduação em História das Populações Amazônicas pela Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, Tocantins, Brasil. E-mail: anapaulavicentim067@gmail.com; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/054359918219761>; Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0001-1095-0312>

Resumen: Este artículo reflexiona sobre las posibilidades de diálogo entre el psicoanálisis y la historia a partir de los estudios de Peter Gay en *Freud for Historians* (1989). El trabajo pretende construir un breve estudio utilizando la metodología de la investigación histórica y bibliográfica, para destacar la relevancia del psicoanálisis como método de investigación social propuesto por Freud en los estudios históricos. El texto enfatiza la validez del psicoanálisis como un estilo de investigación sensible e informado que puede dar respuestas a preguntas antes no disponibles y sugerir nuevas líneas de investigación, aunque no es un remedio milagroso ni una contraseña mágica. En definitiva, el artículo pretende responder a la pregunta: Es posible un diálogo entre psicoanálisis e historia?

Palabras clave: Psicoanálisis. Historia. Freud.

Introdução

A intersecção entre disciplinas distintas tem sido um campo fértil para a expansão do conhecimento e a abertura de novas perspectivas de pesquisa. Nesse sentido, o presente artigo pretende discutir a possibilidade de diálogo entre a psicanálise e a história, explorando as contribuições dos estudos do historiador e psicanalista Peter Gay, a partir de sua obra seminal “Freud para Historiadores” (1989). Mediante uma abordagem metodológica baseada em análise histórica e revisão bibliográfica, este trabalho visa destacar a relevância da cultura psicanalítica como um método de investigação social proposto por Sigmund Freud nos estudos históricos.

A psicanálise, desde seu surgimento, tem sido amplamente aplicada na compreensão da psique humana e do comportamento individual. No entanto, seu potencial de análise não se limita apenas ao âmbito individual, mas também se estende às dinâmicas coletivas e às estruturas sociais. A obra de Peter Gay, renomado historiador e estudioso da psicanálise, oferece uma ponte entre essas duas disciplinas aparentemente divergentes, ao explorar a influência da psicanálise na compreensão e interpretação dos fenômenos históricos.

O texto que aqui se apresenta traz simultaneamente uma revisão crítica das ideias de Gay, que evidencia como a psicanálise pode proporcionar uma abordagem sensível e emocional para a investigação histórica, permitindo o acesso a respostas que antes eram inacessíveis por meio de métodos tradicionais. Ao considerar o inconsciente, os processos de repressão e os complexos mecanismos psíquicos, a psicanálise oferece uma lente analítica única, capaz de revelar camadas ocultas na narrativa histórica e apontar para novas linhas de pesquisa.

Diante desse panorama, surge a indagação central deste estudo: seria viável estabelecer um diálogo produtivo entre a psicanálise e a história? Ao explorar as contribuições

de Peter Gay e seus contemporâneos, analisaremos como as perspectivas psicanalíticas podem enriquecer a compreensão dos eventos históricos, desvendando motivações, conflitos e mecanismos psicológicos subjacentes. Além disso, o artigo examinará possíveis limitações e desafios dessa abordagem interdisciplinar, bem como suas contribuições para a produção de conhecimento nas áreas da psicanálise e da história.

Consideramos a hipótese de que muitos historiadores não se apropriam das abstrações da psicanálise e não usufruem do método psicanalítico em suas pesquisas, segundo as críticas de Peter Gay em sua obra “Freud para historiadores” (1989). Gay criticou a postura reducionista de alguns cientistas que tendem a rejeitar a abordagem de elementos empíricos ou elusivos sem comprovação científica, quando, na verdade, a psicanálise pode ser uma ferramenta útil para o entendimento do passado. A psicanálise usufrui da natureza puramente crítica, conforme observado por Freud (FREUD, 1912-1914, p. 217).

A motivação para a realização deste estudo foi impulsionada pela afinidade com a perspectiva teórica da interdisciplinaridade e pela possibilidade de ampliar o conhecimento sobre a linha de pesquisa em Memórias, Patrimônios e Organização dos Espaços Culturais Amazônicos. Este trabalho surgiu como resultado das reflexões e debates promovidos na disciplina optativa de História, Memória e Psicanálise, ministrada no Programa de Mestrado em História das Populações Amazônicas da Universidade Federal do Tocantins no ano de 2021.

Este artigo utilizou-se da metodologia de pesquisa histórica e bibliográfica, ancorando-se em reflexões bibliográficas. Dentre estas, merecem destaque as obras de Freud: *Mal-estar na civilização* (1930-1936) e *Moisés e o monoteísmo, compêndio de Psicanálise e outros textos* (1937-1939), além de obras como *Freud para historiadores* (GAY, 1989) e *O que é Psicanálise* (HERRMANN, 2015). Reconhecendo a singularidade da prática dos historiadores e a natureza colaborativa da historiografia, busca-se compreender como a psicanálise contribui para a interpretação da natureza humana e para a análise de fenômenos históricos.

De acordo com Peter Gay a natureza humana é similar a um jogo de xadrez,

se é a mudança, portanto, que tornou a história possível, é a persistência que fundamenta a compreensão histórica. Como o jogo de xadrez, a natureza humana constrói uma variedade dramática e inesgotável a partir de poucos elementos e regras. Ainda assim as discriminações devem ser feitas e são possíveis (GAY, 1989, p. 81).

O autor destaca a analogia do jogo de xadrez, em que a natureza humana consegue criar uma infinidade de possibilidades dramáticas a partir de elementos e regras simples. No entanto, mesmo diante dessa diversidade, é necessário realizar discriminações e distinguir entre diferentes aspectos para uma compreensão mais precisa. Essa ideia de discernimento e análise é fundamental para a interpretação histórica.

Por fim, este texto convida o leitor a explorar um universo onde o conhecido e o desconhecido se entrelaçam, revelando como a abordagem psicanalítica da história é uma poderosa ferramenta para a investigação histórica contemporânea. Além disso, consideramos que as narrativas de vida possuem a capacidade intrínseca de gerar o novo e o desconhecido, embora sigam padrões familiares que podem ser mais ou menos previsíveis. Nesse sentido, tanto a história quanto a psicanálise mostram-se parcialmente previsíveis, mas sempre fascinantes. Destaca-se a capacidade humana de criar a partir de elementos aparentemente simples (GAY, 1989, p. 82).

Metodologia

O trabalho do historiador Peter Gay nos leva a refletir sobre a importância da psicanálise de Freud na compreensão da história e da cultura do século XX. Ele argumenta que a psicanálise se constitui em uma ferramenta valiosa para iluminar os motivos inconscientes por trás de eventos históricos e para compreender as emoções e desejos ocultos que moldam a cultura.

Os seus estudos destacam a relação intrínseca entre a psicologia e a compreensão da natureza humana no trabalho do historiador, enfatizando que a análise histórica requer uma compreensão profunda dos conceitos psicológicos e das motivações e sentimentos humanos que desempenham um papel significativo nos eventos históricos. Ao mesmo tempo, Gay ressalta a necessidade de cuidado ao usar a psicologia como ferramenta na análise histórica, reconhecendo os limites e as limitações da psicanálise de Freud. E alerta também que a psicologia pode ser insegura e perigosa quando manipulada pelo historiador e que interpretações baseadas em preconceitos e estereótipos devem ser evitadas.

Além disso, o historiador aborda a influência de fatores históricos, culturais e sociais na compreensão da psicanálise. Ele destaca a mobilização de esperança que ocorreu na Europa no final do século XIX e início do século XX, onde as pessoas tinham expectativas de

um futuro melhor. Essas mudanças políticas e sociais estimularam a busca por transformações e uma maior consciência das questões sociais, econômicas e políticas.

No entanto, é importante destacar que a psicanálise não é a única abordagem para a compreensão da história e da cultura. Existem outras perspectivas e teorias que também desempenham um papel importante na análise histórica. A psicanálise de Freud oferece percepções significativas, mas é necessário considerar outras abordagens e fontes de conhecimento para obter uma compreensão mais abrangente dos eventos históricos. A intersecção entre ciência e ficção cria um contexto histórico onde o passado ressurge no discurso contemporâneo. Ademais, essa fusão entre ciência e ficção desafia a divisão que a historiografia moderna localizada entre um “presente” e um “passado” claramente separados, onde um é o agente ativo do discurso e o outro é o objeto passivo representado (CERTEAU, 2011, p. 62).

Em resumo, o trabalho de Peter Gay nos convida a explorar a relação entre psicanálise e história, reconhecendo as contribuições e as limitações dessa abordagem. A psicanálise pode fornecer conclusões relevantes para a compreensão dos motivos e emoções humanas na história, mas é necessário um cuidado crítico ao aplicar essa abordagem. Devemos considerar a complexidade da natureza humana e os diversos fatores que influenciam os eventos históricos, podemos enriquecer nossa compreensão do passado e do presente.

Levando em conta a teorização de Gay, este estudo consiste em uma revisão crítica da literatura com foco na análise das teorias freudianas e suas contribuições para a compreensão da subjetividade humana. Além disso, são apresentados exemplos de estudos históricos que se beneficiam da abordagem psicanalítica, a fim de ilustrar o potencial dessa perspectiva.

A metodologia empregada neste trabalho baseia-se na pesquisa histórica e bibliográfica, visando evidenciar a relevância da psicanálise como um método de investigação social proposto por Freud nos estudos históricos. Destaca-se a validade da psicanálise como uma abordagem de pesquisa sensível e fundamentada, capaz de oferecer respostas para questões previamente inacessíveis e sugerir novas direções de investigação, embora não seja uma solução miraculosa ou uma chave mágica.

Em suma, o trabalho com a História oral exige que os historiadores tenham consciência de sua própria subjetividade, adotem uma abordagem interdisciplinar, avaliem criticamente as fontes, dominem as técnicas de diálogo e coloquem um foco central na compreensão das perspectivas das pessoas comuns para enriquecer a narrativa histórica.

Nesse sentido, no trabalho com a memória, a fonte oral tem sido primordial pela articulação que possibilita entre a História e o cotidiano” (LEITE; FERREIRA, 2023, p. 151).

A seleção das fontes utilizadas nesta revisão de literatura foi realizada com base em critérios específicos. Foram considerados critérios como: o destaque do estudo para o tema em questão, e a inclusão de estudos publicados nos últimos cinco anos e a busca por estudos primários. Esses critérios foram adotados a fim de assegurar a qualidade e atualidade das informações utilizadas na pesquisa.

Foram utilizadas diversas fontes de pesquisa neste estudo. Bases de dados acadêmicas, como: Inep Acervo Linha Editorial, *SciELO Scientific Electronic Library Online*, CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e *Google Scholar*, sendo as principais fontes consultadas. Além disso, foram exploradas bibliotecas digitais, repositórios institucionais e sites de conferências relacionados ao tema em estudo. Também foram consideradas as referências bibliográficas dos artigos selecionados, a fim de buscar estudos adicionais relevantes.

Na etapa de procedimentos de busca, foram conduzidas buscas sistemáticas nas fontes de pesquisa selecionadas, utilizando palavras-chave relacionadas ao tema da revisão. A busca foi restrita aos documentos que atendiam aos critérios de inclusão pré-definidos para garantir a seriedade dos resultados obtidos. Esses procedimentos asseguraram uma abordagem rigorosa na busca e seleção dos estudos a serem incluídos nesta revisão.

A seleção dos estudos foi conduzida em duas etapas distintas. Inicialmente, foram avaliados os títulos e resumos dos artigos identificados durante as buscas, excluindo aqueles que claramente não se enquadravam nos critérios de inclusão estabelecidos. Em seguida, os artigos selecionados passaram por uma leitura completa, a fim de determinar sua contribuição e adequação aos objetivos da revisão. Essas etapas de seleção foram realizadas para garantir a consistência e a pertinência dos estudos incluídos nesta pesquisa.

A análise dos estudos selecionados foi conduzida de maneira crítica e sistemática, com o intuito de extrair informações relevantes de cada um deles. Foram considerados elementos como o objetivo da pesquisa, a metodologia adotada, os principais resultados obtidos e as conclusões apresentadas. Durante essa análise, foram identificadas tendências, lacunas e possíveis divergências entre os estudos, permitindo uma compreensão mais abrangente do tema em estudo.

Referencial teórico

Peter Gay: seu tempo e suas ideias

Em seu livro *Freud para Historiadores*, publicado em 1989, o historiador Peter Gay discute o papel da psicanálise de Freud como uma ferramenta para a compreensão da história e da cultura do século XX. Ele argumenta que a psicanálise pode ser usada para iluminar os motivos inconscientes por trás de eventos históricos e para entender as emoções e desejos ocultos que moldam a cultura (GAY, 1989).

O historiador Peter Gay examina o papel da psicanálise na interpretação de obras de arte e literatura. Ele sugere haver possibilidade de a psicanálise ser usada para entender as motivações inconscientes dos artistas e para explorar os temas e símbolos recorrentes em suas obras. Além disso, ao abordar as necessidades secretas do coração, o autor destaca o trabalho fundamental do historiador profissional nesse contexto,

ele opera com uma teoria sobre a natureza humana; atribui motivos; estuda paixões, analisa irracionalidades e constrói o seu trabalho a partir da convicção tácita de que os seres humanos exibem algumas características estáveis e discerníveis, alguns modos predizíveis, ou pelo menos decifráveis, de lidar com as suas experiências (GAY, 1989. p. 25).

Neste entendimento, Peter Gay (1989) chama a atenção para o trabalho do historiador que está intrinsecamente ligado à psicologia e à compreensão da natureza humana, e que uma compreensão profunda desses conceitos é essencial para a análise histórica. Entretanto, as teorias e concepções podem evoluir ao longo do tempo, influenciadas por eventos históricos, avanços científicos e mudanças na compreensão do mundo.

Esse aspecto é reforçado pelos pesquisadores Natália Pasternak e Carlos Orsi, no livro “Que bobagem! Pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério”, que destacam a seguinte ideia.

A mente humana é um instrumento maravilhoso, mas está longe de ser perfeita. É por isso que precisamos dos métodos, processos e da atitude da ciência: para filtrar nossa percepção do mundo e eliminar (na medida do possível) os erros provocados por nossas deficiências e falhas cognitivas. (PASTERNAK; ORSI, 2023, p. 13)

Nesse contexto, evidencia-se a importância da clareza científica de desenvolver métodos sistemáticos e processos específicos para superar as limitações e falhas. Dessa forma,

a ciência empenha-se em observar, medir, analisar e compreender o mundo de maneira objetiva e fundamentada em evidências.

De acordo com Peter Gay (1989), seria perda de tempo argumentar que a teoria dos instintos de Freud não é totalmente clara. O próprio Freud nunca ficou plenamente satisfeito com ela e atribuiu algumas das dificuldades ao precário status das pulsões instintuais na biologia e psicologia de sua época. Em 1932, ele descreveu a região dos instintos como um domínio no qual lutamos arduamente por compreensão e direção, considerando a teoria dos instintos como nossa mitologia. Segundo Freud, as pulsões são entidades místicas, esplêndidas em sua indefinição. Essas reflexões surgiram cerca de uma década após ele expor sua teoria estrutural, na qual revisou sua concepção das pulsões e deu a seu dualismo final uma forma tão decisiva que muitos psicanalistas hesitaram em segui-lo em todas as suas consequências. Inicialmente, Freud postulou dois conjuntos de instintos sexuais e egóicos, um voltado para a perpetuação da raça humana e o outro para o indivíduo (GAY, 1989, p. 83).

Seguindo, Peter Gay (1989) aborda a perspectiva dos historiadores em relação à influência de diversos fatores no comportamento humano, que vão além do planejamento racional individual. O referenciado autor assevera que atuação dos historiadores está no reconhecimento de que as motivações e os sentimentos humanos desempenham um papel significativo nos eventos históricos.

Certamente os historiadores, há muito, têm razões suficientes para saber que o homem não vive apenas de um planejamento centrado nele mesmo. Eles encontraram e procuraram extrair o sentido da autoridade do costume e da lealdade, do fervor suicida do fanático e do ódio tenaz do sectário. Ficaram intrigados com a força dos sentimentos religiosos e nacionalistas (GAY, 1989, p. 90).

É certo que o homem não consegue viver isolado como se estivesse em uma ilha, ele precisa das relações sociais. Ao refletir sobre isto, Freud (1930) em sua obra *Mal-Estar da civilização* argumenta que a liberdade individual não é um valor cultural. Embora a liberdade tenha sido mais ampla antes de qualquer civilização, naquela época ela tinha pouco valor, já que o indivíduo mal tinha condições para defendê-la. Com o avanço cultural, a liberdade passou a sofrer restrições, e a justiça exige que ninguém esteja isento delas. O impulso em direção à liberdade em uma comunidade humana pode surgir como uma revolta contra uma injustiça presente, tornando-se assim propício para um maior desenvolvimento cultural, ao mesmo tempo, compatível em que permanece com a civilização (FREUD, 1930, p. 57-58).

Compreensivelmente, os seres humanos enfrentaram dificuldades ao abdicar da gratificação de seu impulso agressivo, pois não se sentiam confortáveis ao fazê-lo. No entanto, não devemos subestimar a vantagem que um grupo cultural menor possui ao permitir que o instinto agressivo encontre uma saída por meio da hostilização daqueles que estão fora do grupo. Ainda é possível unir inúmeras pessoas por meio do amor, desde que, existam outros alvos disponíveis para expressar a agressividade (FREUD, 1930, p. 80).

Como mencionado anteriormente por Freud (1930), esse comportamento humano é denominado narcisismo das pequenas diferenças. O próprio Freud (1930) argumentou que cada ser humano é uma mistura complexa de conexões, e nem sempre é óbvio qual é a hierarquia de importância dessas conexões. Além disso, ele destacou ser impossível amar todas as coisas e todas as pessoas com a mesma intensidade. O narcisista coloca o amor por si acima do amor pelos outros (GAY, 1989, p. 100).

Há uma relação entre a percepção das diferenças e suas influências nas interações humanas. Como afirmado por Gay (1989, p. 44), “o aumento do padrão de vida está correlacionado com o aumento da sensibilidade pública”. O autor destaca que as influências externas proporcionam às pessoas um maior conhecimento e consciência das questões sociais, econômicas e políticas, resultando em uma maior demanda por melhores condições e uma busca por possibilidades de mudança. Assim,

surge o tempo de reivindicar-se mais: melhores condições em geral e de trabalho. Tempo, sobretudo, para considerar possibilidades até então insuspeitadas, que começam a ser sugeridas pela cidade, pela escolaridade e, certamente, pelos partidos políticos (GAY, 1989, p. 44).

A generalização dos argumentos de Peter Gay (1989) foi influenciada por uma série de fatores históricos, culturais e sociais. Uma dessas influências, de acordo com Gay, foi a “mobilização de esperança” que ocorreu na Europa no final do século XIX e início do século XX, em um contexto de mudanças políticas e sociais significativas. Essa mobilização de esperança, como descrita por Eugen Weber³, referia-se a um sentimento coletivo de otimismo em relação ao futuro, associado ao crescimento econômico, à expansão do comércio e da

³Eugen Weber (Bucareste, 1925-Los Angeles, 2007) foi um historiador americano de origem romena, especializado no estudo da história francesa contemporânea. Ele foi conhecido por seu trabalho em história social e cultural, especialmente em relação à França moderna. Weber foi professor na UCLA e recebeu todos os tipos de reconhecimentos, como ser membro da Academia Americana de Artes e Ciências, ser membro da Sociedade Filosófica Americana e bolsas de estudo da Fundação Guggenheim e do Conselho Americano de Sociedades Científicas.

indústria, à melhoria das condições de vida e à ideia de progresso. Nesse contexto, as pessoas tinham expectativas fundamentadas de que suas vidas e a sociedade em geral poderiam melhorar (GAY, 1989, p. 44). Foi um período de despertar social, no qual as transformações políticas e sociais estimularam a busca por mudanças e a esperança de um futuro melhor.

Segundo a compreensão de Peter Gay (1989), a psicanálise pode ser considerada uma ferramenta facilitadora da compreensão dos motivos, das emoções e das ações dos indivíduos em um dado momento histórico e cultural. Da mesma forma o autor alerta que a psicologia é um instrumento inseguro e perigoso para o historiador que o manipula quanto o é para o desventurado tema histórico sobre o qual é testado (GAY, 1989, p. 45).

Gay considera que,

esta dupla face aparece na descrição de Donald J. Olsen sobre subúrbios de Londres, no século XIX. O que os vitorianos desejavam era a privacidade para a classe média, publicidade para as classes trabalhadoras e segregação entre ambas. O meio ideal para privacidade individual e familiar era a vila suburbana ocupada por uma única classe (GAY, 1989, p. 46).

Neste entendimento, o supracitado autor reitera que Olsen⁴ usou conceitos psicológicos para explicar o comportamento dos habitantes dos subúrbios, descrevendo-os como apáticos, conformistas e alienados (GAY, 1989). No entanto, Gay argumenta que essa interpretação se baseia em preconceitos e estereótipos, e não em uma análise cuidadosa e fundamentada. Admite também que entre a psicanálise e o historiador existem dois mundos em tensão: o solo da realidade e o solo da fantasia (GAY, 1989 p.101).

Porém, esses pontos aparentemente incompatíveis são revistos com um olhar mais atento quando se pensa nas representações e que a mente humana é influenciada tanto por estímulos físicos do mundo externo, quanto por experiências emocionais e sociais que “a mente humana aparece como uma ditadura militar moderna: desconfiada além do limite, viciada em segredos, insaciável em suas exigências, armada até os dentes, e não muito inteligente” (GAY 1989, p. 105-106).

⁴Donald J. Olsen, (1929 - 1997), ensinou história na Universidade de Massachusetts e na *University College of Hull*, Inglaterra, antes de ingressar no corpo docente da Vassar em 1955. Olsen ocupou a cadeira Eloise Ellery do departamento de história de 1970 até sua aposentadoria em 1994. Ele também foi presidente do departamento durante o início dos anos 1970. Conhecido por sua experiência em história cultural urbana, ganhando o Prêmio British Council em Humanidades de 1987 por seu livro, *A cidade como uma obra de arte: Londres, Paris, Viena*.

Em seu livro “História do Futuro: dos profetas à prospectiva”, o historiador francês George Minois (2016) discute o início da era de massa e do florescimento da predição popular no século XIX. Ele contribui com este contexto ao argumentar que este período foi marcado por uma mudança significativa na forma como as pessoas imaginavam e previam o futuro, especialmente nas sociedades ocidentais (MINOIS, 2016, p. 511). Segundo o autor, o século XIX é um século aberto ao futuro.

Para George Minois (2016),

pôr em movimento esses milhões de homens e mulheres, aparecem ideais novos, prometendo um futuro radioso: nação, pátria, liberdade, democracia, socialismo, fraternidade neocristã. O século XIX, do fundo dos pardieiros trabalhadores e dos gabinetes empoeirados do pequeno funcionalismo, é um século aberto para o futuro, como se a revolução tivesse cortado as amarras com um passado arcaico, que não voltará mais. (MINOIS, 2016. p. 511)

Um exemplo contundente do uso da psicanálise para compreender os processos sociais e históricos é defendido por Rodrigues (2008), ao analisar a réplica às acusações feitas por alguns historiadores e destacar a importância do pensamento freudiano para o historiador, é

o conhecimento da teoria psicanalítica possibilita desarmar o pesquisador de preconceitos e o torna mais sensível para perceber a dimensão individual do sujeito e compreender as emoções que permeiam a ação humana individual ou coletiva. O autor explora a epistemologia histórica e explicita seu comprometimento, enquanto historiador e psicanalista (RODRIGUES, 2008, p. 77).

A partir dessas breves considerações sobre alguns elementos identificados pela historiadora Márcia Barros Rodrigues (2008), é possível analisar que ao conhecer a teoria psicanalítica, o pesquisador desarma-se de preconceitos e estará mais aberto para compreender a dimensão individual do sujeito, ou seja, considerar as particularidades e experiências de cada indivíduo. Neste sentido, o psicanalista Fabio Herrmann (2015), também expõe que “as palavras possuem um caráter traiçoeiro, já que quando falamos, expressamos aquilo que desejamos comunicar, mas simultaneamente acabamos revelando muitas outras coisas das quais não tínhamos intenção de expor” (p. 24).

Fabio Herrmann (2015), ao referir-se à teoria de Sigmund Freud sobre a função dos sonhos, atos falhos e sintomas neuróticos na psicanálise, afirma que segundo Freud, esses fenômenos psíquicos são formas de expressão do inconsciente e funcionam como uma

“válvula de fuga”⁵, para o que está reprimido, ou seja, para as emoções, desejos e traumas com as quais a pessoa não consegue lidar conscientemente. Por outro lado, no livro de Peter Gay (1989), uma questão pertinente é suscitada em relação à motivação para adotar Freud como guia, considerando os possíveis benefícios da psicologia para o estudo da história. Segundo o autor, esta indagação adquire relevância para o pesquisador em seu processo de formação, na elaboração de seus casos e na análise recorrente de textos clássicos, visto que a abordagem freudiana se apresenta de modo completamente persuasivo (GAY, 1989, p. 51).

Portanto, a introdução da psicanálise no campo da história intensifica o desconforto do historiador em relação à psicologia. Embora o historiador reconheça um lugar proeminente para a psicologia em sua busca pela compreensão, ele não está inclinado a escolher a psicanálise como sua abordagem psicológica preferida. Por que Freud? Por que não Jung, que explica os arquétipos coletivos e os mitos universais? Por que não os revisionistas, como Karen Horney, Erich Fromm, Harry Stack Sullivan, que oferecem suas psiquiatrias sociais em uma posição convenientemente próxima, quase reconfortante, ao mundo em que os historiadores gostam de acreditar que habitam? Por que não os behavioristas ou teóricos da aprendizagem, cujas abordagens psicológicas se baseiam em experimentação e produzem o tipo de informação quantificada que os historiadores aprenderam a apreciar ou, pelo menos, a conviver? (GAY, 1989, p. 52).

Estes questionamentos provocativos evidenciam a diversidade de perspectivas e abordagens dentro da psicologia e apontam para que a escolha de uma teoria ou abordagem psicológica é uma decisão complexa. Cada abordagem tem suas próprias vantagens e limitações, e os historiadores podem ter preferências pessoais ou considerar diferentes abordagens adequadas para diferentes contextos históricos. Gay coloca tais questões para estimular o pensamento crítico e a reflexão sobre as razões pelas quais a psicanálise, representada por Freud, tem sido tão influente no campo histórico, apesar da existência de outras perspectivas psicológicas igualmente válidas.

Uma observação feita pelo autor (1989) é que Freud considerava que somente os psicanalistas poderiam compreender a psicanálise. Em 1932, Freud escreveu que seria uma tarefa difícil transmitir esse conhecimento a indivíduos que não fossem da área, e enfatizou que ninguém deveria se intrometer com a psicanálise se não tivesse passado por certas experiências, especificamente as experiências no divã (GAY, 1989, p. 58).

⁵Citado por HERRMANN, Fabio (2015, p. 42).

Ademais, pode-se concluir que o autor referenciado anteriormente, por meio da obra *Freud para historiadores*, oferece uma réplica para os antifreudianos, ao destacar a importância que Sigmund Freud atribuía à experiência pessoal como parte essencial da compreensão da psicanálise. Isso porque a análise pessoal no divã é considerada fundamental para os psicanalistas poderem compreender os processos e as dinâmicas psíquicas em si, o que, por sua vez, lhes permite compreender e auxiliar seus pacientes. Portanto, Peter Gay (1989) destaca a posição de Freud sobre a necessidade de um envolvimento pessoal profundo com a psicanálise para se ter uma compreensão verdadeira dessa teoria e prática psicológica.

Os oponentes e as evidências empíricas

Apesar das divergências acerca da validade e importância da teoria de Freud na análise histórica, é incontestável que seus ensinamentos são fundamentais para a compreensão da natureza humana, mesmo que haja questionamentos quanto à sua validade científica e críticas a suas teorias. Contudo, independentemente das opiniões a respeito de Freud e seu trabalho, é inegável que a psicanálise teve um impacto expressivo na cultura e na sociedade do século XX.

Em seu livro *Freud para Historiadores*, publicado em 1989, Peter Gay ressaltou que Freud, no ano de 1913, examinou as contribuições da psicanálise para o estudo da cultura e ponderou sobre o potencial da sua abordagem psicológica individual em influenciar a experiência coletiva. Ele afirmou que a psicanálise estabelece uma conexão estreita entre as realizações psicológicas dos indivíduos e da sociedade, ao postular uma fonte dinâmica comum para ambas. Essa perspectiva implica que os processos psicológicos individuais e as experiências pessoais têm impacto e relevância na sociedade em sua totalidade. Assim, a investigação da mente e do comportamento individual pela psicanálise proporciona perspicácia e compreensão dos fenômenos sociais mais amplos.

Conforme os estudos de Rodrigues (2008), em seu artigo intitulado “História e Psicanálise: um diálogo possível”, a teoria psicanalítica tem se revelado uma ferramenta relevante para a investigação do passado humano, abrangendo distúrbios remotos e imediatos ao longo do século XX. Nesse contexto, é necessário considerar os diferentes modos pelos quais a prática da psicanálise se relaciona com as regulamentações sociais e profissionais, que variam de acordo com os países, bem como com as transformações socioculturais, a crise do pensamento generalizado e as restrições crescentes do domínio privado.

Rodrigues (2008) ainda acrescenta que apesar das resistências existentes, é possível observar incursões históricas tanto de psicanalistas quanto de historiadores e cientistas sociais em busca de aproximações teórico-metodológicas. Nas ciências sociais, foram registradas várias tentativas nesse sentido, sendo a mais conhecida a aproximação entre o marxismo e a psicanálise. Essas propostas foram chamadas de freudo-marxismo e seguiram nomes como Adorno e Horkheimer, que foram os pioneiros na introdução da problemática freudiana na “teoria crítica” e representantes da chamada Escola de Frankfurt (RODRIGUES, 2008, p. 68).

Segundo Rodrigues (2008, p. 71), “nunca é demais repetir que a Psicanálise não oferece um caminho pronto a ser seguido, mas sim, um estilo, um olhar para ver o passado”. Ao considerar a descoberta revolucionária de Freud em relação ao sistema do inconsciente e seu impacto no entendimento do comportamento humano, Rodrigues analisa que

as Ciências Humanas e, em particular, a História, não podem seguir desconhecendo essa contribuição. A dimensão subjetiva e individual do sujeito do qual nos informa a Psicanálise, independentemente do seu véis individualista burguês, pode e deve ser incorporada à análise sociológica e histórica. Não é mais possível entender o sujeito fora da sua dupla dimensão: individual e social. A dimensão individual que se expressa indiretamente, de forma latente, na ação coletiva não deve ser descartada na análise da realidade histórico-social (RODRIGUES, 2008, p. 71).

Além das contribuições já mencionadas, Rodrigues enfatiza a relevância da abordagem psicanalítica para a compreensão da complexidade humana e sua influência na história e nas ciências sociais. Neste contexto, de acordo com o sociólogo Pierre Ansart em seu livro *A Gestão das Paixões*, relatado pelo historiador Jonathan Marcel Scholz, em momentos de grandes crises e convulsões sociais, os afetos políticos são inflados e intensificados. Ansart argumenta que, ao inverter o sistema de demandas sociais, onde a população deve exigir a eficácia do poder, e não o contrário, busca-se transformar os sentimentos coletivos. O objetivo é restaurar a efetividade do poder através da obediência e disciplina dos subordinados (ANSART, 2019, p. 66, *apud* SCHOLZ, 2020).

Ao examinarmos esse evento à luz da história e da psicanálise de Freud, é possível desvelar camadas adicionais de compreensão. Ao contextualizar o atentado nas dinâmicas políticas, sociais e culturais da época, visamos compreender os estresses e conflitos que culminaram nesse ocorrido trágico.

Freud em “psicologia das massas e análise do eu” (1921, p. 18), analisa que, ao pertencer a uma massa, o indivíduo “desce vários degraus na escala da civilização”. Freud reforça essa ideia ao afirmar que,

pelo simples fato de pertencer a uma massa, o homem desce vários degraus na escala na civilização. Isolado, ele era talvez um indivíduo cultivado, na massa é um instintivo, e em consequência um bárbaro. Tem a espontaneidade, a violência, a ferocidade, e também os entusiasmos e os heroísmos dos seres primitivos”. Ele então se detém especialmente na diminuição da capacidade intelectual, experimentada pelo indivíduo que se dissolve na massa (FREUD, 1921, p. 18).

Essas considerações de Freud sobre o comportamento do indivíduo na massa visam ressaltar as mudanças que ocorrem quando as pessoas se unem e a influência que o grupo exerce sobre o comportamento e o pensamento individual. Ele sugere que a participação em uma massa pode despertar impulsos primitivos e limitar a capacidade de pensar de forma independente. Além disso, Freud destaca uma diminuição da capacidade intelectual experimentada pelo indivíduo quando ele se dissolve na massa. Isso significa que, ao se juntar a um grupo, o indivíduo pode ser influenciado pela dinâmica coletiva e pela pressão social, o que pode levar a uma diminuição de sua capacidade de pensar de forma crítica e racional. Em outras palavras, o pensamento individual e a reflexão são suprimidos em favor do comportamento coletivo.

Essa compreensão é relevante para a historiografia, conforme mencionada por Bezerra (2020). A autora destaca que, apesar de atuarem com o estudo do passado, alguns historiadores apresentam visões distorcidas por não lerem ou compreenderem corretamente obras importantes da psicanálise, como *O Mal-estar da civilização* (1930/1976), *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/1976) e *Totem e Tabu* (1913/1976). Logo, a reflexão proposta pelo historiador Peter Gay em “Freud para Historiadores” (1989) serve como ponto de partida para a discussão acerca da importância da leitura e compreensão das obras psicanalíticas para a construção de uma historiografia mais rigorosa e fundamentada.

Em suma, Peter Gay ressaltou que seu objetivo não é favorecer os historiadores do século XVIII em detrimento aos do século XIX. Ele observou que os estudiosos historicistas, embora muitas vezes subestimados e excessivamente confiantes, contribuíram significativamente para o avanço dos métodos e práticas históricas em comparação ao pensamento iluminista (GAY, 1989).

Os conflitos da civilização moderna e a busca pela felicidade

Em sua obra *O Mal-estar da civilização* de 1914, Freud analisa as questões relacionadas aos conflitos entre os impulsos humanos primitivos e civilização moderna. Desta constatação, Freud complementa que a mente humana é composta por três partes: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. É no inconsciente que se encontram as lembranças reprimidas e traumas que afetam o comportamento humano inconscientemente. Como resposta para o desejo de agressividades humana, Herrmann (2015), acrescenta que “todos nós temos muitas explicações a dar sobre as razões que justificam o que fazemos e sobre a ordem que há no que pensamos” (HERRMANN, 2015 p. 49).

Os resultados obtidos neste artigo indicam que a psicanálise é uma abordagem valiosa para a pesquisa histórica, sobretudo quando se trata de temas como identidade, memória e trauma. Os autores defendem que a teoria psicanalítica pode fornecer uma compreensão mais profunda dos processos psicológicos que permeiam os eventos históricos, possibilitando uma análise mais completa da experiência humana. Em suma, o estudo sugere que a psicanálise pode ser uma ferramenta útil para a investigação histórica e contribuir significativamente para o desenvolvimento da historiografia.

Entretanto, de acordo com Freud (1940 [1938]), a psicanálise enfrenta dificuldades em se tornar popular ou aceita, não apenas porque suas ideias podem ofender as pessoas, mas também porque suas hipóteses contradizem opiniões comuns e podem parecer estranhas às modalidades de pensamento convencionais. O autor ressalta que a psicanálise se baseia em hipóteses arriscadas e que, mesmo com essas dificuldades, é necessário considerá-las para avançar no estudo da teoria psicanalítica (FREUD, 1940[1938]).

Freud afirma que aqueles que têm conhecimento prévio sobre a psicanálise aplicada em indivíduos vão ficar fascinados ao ver a mesma sequência de desenvolvimentos aplicada na análise de um grupo nacional. Ele sugere que a análise psicanalítica não se limita apenas a indivíduos, mas pode ser aplicada a grupos e nações, trazendo insights valiosos sobre a dinâmica psicológica coletiva (FREUD, 1939 [1950]).

Nesse contexto, é interessante notar que, segundo a psicanalista Dany Nobus (2019), durante o discurso de encerramento da conferência anual da *École freudienne de Paris* em julho de 1978, o psicanalista francês Jacques Lacan enfatizou a impossibilidade de transmitir a psicanálise diretamente. Segundo ele, cada psicanalista é compelido a reinventar a

psicanálise por conta própria, o que levou à introdução de várias escrituras em sua prática. Assim, percebe-se que tanto Freud quanto Lacan reconhecem a necessidade de uma abordagem individualizada na aplicação da psicanálise, seja em análises de grupos ou na reinvenção constante da prática psicanalítica.

Para a psicanalista Maurano (2010), René Descartes, conhecido como o pai da Era Moderna, personifica o desejo do homem moderno de utilizar a razão e os recursos do pensamento como critérios para avaliar a si e o mundo. Ao refletir sobre sua própria existência, Descartes destaca a importância de reconhecer os elementos subjetivos e singulares que podem influenciar nosso raciocínio objetivo, levando-nos a conclusões equivocadas. Com o intuito de desenvolver métodos que neutralizem a interferência subjetiva em proposições que visam ser universais, ele abre caminho para o surgimento da ciência moderna. Essa ciência, ao buscar estabelecer leis gerais e previsibilidade, oferece uma nova ferramenta para nos proteger tanto diante do desconhecido quanto das incertezas que nos aguardam (MAURANO, 2010).

Freud, assim como Descartes, acreditava que a razão poderia ajudar a entender os fenômenos psíquicos e que métodos objetivos eram necessários para evitar distorções na compreensão dos processos mentais. Além disso, a psicanálise se aproxima da ciência moderna ao buscar compreender os aspectos inconscientes da mente humana e ao buscar leis gerais que possam ser aplicadas ao tratamento de transtornos psicológicos.

Análises e resultados

Afinal, é possível a construção de um diálogo produtivo entre a psicanálise e a história?

Peter Gay, no prefácio de sua obra *Freud para historiadores*, argumenta que a história como ciência justifica-se por seu compromisso com a psicologia, especialmente com a psicanálise. Ele considera a psicanálise como uma ciência auxiliar e gratificante, na qual a profissão histórica confiou insuficientemente e ainda não domina completamente (GAY, 1989). É pertinente afirmar que a psicanálise é uma opção viável para tratar dessas questões, independentemente de ser vista de maneira positiva ou negativa.

Maurano complementa que,

diante da compatibilidade entre a natureza da inquietação que domina a cena atual e a natureza da invenção psicanalítica, esta última continua sendo um recurso privilegiado em nossos tempos. Com isso, quero dizer que diante dos

inúmeros sintomas decorrentes do mal de amor, que constitui a tônica do mal-estar da atualidade, a psicanálise apresenta-se como opção para tratar dessa questão (MAURANO, 2010, p. 9-13).

Maurano defende a relevância contínua da psicanálise como uma abordagem terapêutica adequada para lidar com os sintomas e o mal-estar associados ao “mal de amor” na atualidade. Sobre a possibilidade de relação entre psicanálise e história, Peter Gay enfatiza a importância de compreender a natureza humana e a psicologia como fundamentos essenciais para a análise histórica. Ele destaca que os historiadores devem reconhecer o papel significativo das motivações e dos sentimentos humanos nos eventos históricos.

Ele menciona a falta de clareza da teoria dos instintos de Freud e os desafios enfrentados na compreensão das pulsões instintuais. Gay argumenta que a compreensão da psicanálise e seu impacto na história e cultura do século XX foram influenciadas por uma série de fatores, como a mobilização de esperança na Europa, as mudanças políticas e sociais, e o surgimento de novos ideais e valores.

O historiador supracitado, ressalta a importância de uma análise cuidadosa e fundamentada ao utilizar conceitos psicológicos para explicar o comportamento humano em contextos históricos. Ele critica a tendência de basear interpretações em preconceitos e estereótipos, destacando a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva.

Por fim, este estudo destaca a importância da psicanálise para a compreensão histórica, ao iluminar os motivos inconscientes e as emoções ocultas que influenciam os eventos históricos e a cultura. No entanto, é imprescindível reconhecer as limitações e desafios da psicanálise, bem como adotar uma abordagem crítica ao aplicar conceitos psicológicos na análise histórica.

Reflexões finais

Assim sendo, o trabalho do historiador Peter Gay nos conduz a uma reflexão mais profunda sobre a notoriedade da psicanálise de Freud na compreensão da história e da cultura do século XX. Gay sustenta que a psicanálise pode ser uma ferramenta valiosa para revelar os motivos inconscientes subjacentes aos eventos históricos e compreender as emoções e desejos ocultos que moldam a cultura.

O autor destaca a íntima relação entre a psicologia e a compreensão da natureza humana no trabalho do historiador. Ele enfatiza que a análise histórica requer um profundo entendimento dos conceitos psicológicos e das motivações e sentimentos humanos que

desempenham um papel significativo nos eventos históricos. Ao mesmo tempo, Gay ressalta a necessidade de cautela ao utilizar a psicologia como ferramenta na análise histórica, reconhecendo os limites e as limitações da psicanálise de Freud. Ele adverte que a psicologia pode ser perigosa e incerta quando manipulada pelo historiador e que interpretações baseadas em preconceitos e estereótipos devem ser evitadas.

Além disso, Gay aborda a influência de fatores históricos, culturais e sociais na compreensão da psicanálise. Ele destaca a mobilização de esperança que ocorreu na Europa no final do século XIX e início do século XX, quando as pessoas nutriam expectativas de um futuro melhor. Essas transformações políticas e sociais estimularam a busca por mudanças e uma maior consciência das questões sociais, econômicas e políticas.

Em síntese, o trabalho de Peter Gay nos convida a explorar a relação entre psicanálise e história, reconhecendo as contribuições e as limitações dessa abordagem. Ao considerar a complexidade da natureza humana e os diversos fatores que influenciam os eventos históricos, podemos enriquecer nossa compreensão do passado e do presente.

Através das obras de Freud e de outros estudiosos, foi possível compreender que a mente humana é complexa, e que muitos dos nossos comportamentos são influenciados por lembranças reprimidas e traumas inconscientes. No entanto, as pseudociências e outras epistemes são caracterizadas pela ausência desses limites racionais. Elas são predominantemente moldadas pela imaginação, vaidade e, ocasionalmente, pela ganância de seus defensores e promotores. Isso implica que essas abordagens carecem frequentemente de fundamentação em evidências sólidas ou na aplicação do método científico, tornando-as suscetíveis a concepções fantasiosas, desonestidade e exploração.

A afirmação de uma especialidade privilegiada por parte das terapias psicodinâmicas, apesar de sua conexão com o trabalho pioneiro de Sigmund Freud na psicanálise, é objeto de contestação por parte da bióloga Natália Pasternak e do jornalista Carlos Orsi (2023), em seu recente livro: *Pseudociências E Outros Absurdos Que Não Merecem Ser Levados A Sério*.

O privilégio reivindicado pelas terapias psicodinâmicas derivadas do trabalho original de Sigmund Freud com psicanálise não se justifica e, de fato, nunca foi acatado pelos psicólogos que se dedicam à pesquisa científica e mesmo por inúmeros psicoterapeutas que, embora pratiquem formas de “cura pela fala”, buscam basear suas práticas em boas evidências científicas, como os que adotam a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) (PASTERNAK; ORSI, 2023, p. 177).

Na perspectiva otimista delineada pelo historiador Michel Certeau (2011, p. 105), argumenta que “enquanto um pensamento condena, o outro promove”, embora isso não signifique que o entendimento da ficção seja rejeitado: este é concebido como um conhecimento influenciado por elementos externos, tais como o afeto.

Dessa forma, a psicanálise se revela como uma abordagem psicodinâmica aplicável à pesquisa histórica, constituindo-se como uma ferramenta que viabiliza uma análise mais profunda dos processos psicológicos que influenciam os eventos históricos. Isso, por sua vez, contribui para uma compreensão mais abrangente da experiência humana.

No entanto, a psicanálise enfrenta dificuldades em se tornar popular e aceita, devido às suas hipóteses arriscadas e à contradição com opiniões comuns. Apesar disso, é importante considerar essas hipóteses e avançar no estudo da teoria psicanalítica.

Nessa jornada em busca da compreensão da subjetividade humana, a razão desempenha um papel fundamental, como destacado por Descartes e também abraçado pela psicanálise. Tanto a ciência moderna quanto a psicanálise buscam compreender os fenômenos psíquicos objetivamente, neutralizando as interferências subjetivas e estabelecendo leis gerais que possam ser aplicadas em diferentes contextos.

Por fim, a pesquisa empregou a metodologia baseada na revisão crítica da literatura, com ênfase na importância da pesquisa histórica e bibliográfica. Dentro desse contexto, como ressaltado por Certeau, a psicanálise é uma disciplina heurística, isto é, um método voltado para a descoberta e produção de novos questionamentos e conhecimento.

Referências

ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. Tradução de Jacy Alves de Seixas. Curitiba: editora UFPR, 2019.

BATISTA, Sueli Soares dos Santos. Educação, psicanálise e sociedade: possibilidades de uma relação crítica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 107–116, jan./jun. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97021999000100008>. Acesso em: 27 abr. 2023.

BEZERRA, Danieli. Machado. A História resiste onde a Psicanálise insiste: diálogos entre dois campos que investigam o passado. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, ano XII, n. spe, p. 31-37, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912020000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 abr. 2023.

- CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- FREUD, Sigmund. **Recordar, Repetir e Elaborar**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 159-172.
- _____. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. **Esboço de psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.131268.
- GAY, Peter. **Freud: para Historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HERRMANN, Fabio. **O que é psicanálise: para iniciantes ou não...** Brasiliense: São Paulo, 2015.
- LEITE, Fabrício dos Santos; FERREIRA, Simário Dantas. Um diálogo sobre história oral: contributos para novos pesquisadores. **Convergências: estudos em Humanidades Digitais**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 146-161, mai./ago. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/article/view/109/407>. Acesso em: 17 out. 2023.
- MAURANO, Denise. **Para que serve a psicanálise?** 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- MINOIS, George. **História do futuro: dos profetas à prospectiva**. São Paulo: Unesp, 2016.
- NARCIZO, Makchwell. Gestão das paixões políticas: uma breve abordagem da utilização do ressentimento em demandas políticas na perspectiva de Pierre Ansart. **Sæculum – Revista de História**, v. 25, n. 42, p. 157–170, jan./jun., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/50702>. Acesso em: 10 out. 2023.
- NOBUS, Dany. O Escritos de Lacan revisitado: sobre a escrita como objeto de desejo. Tradução de Paulo Beer. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n. 7, p. 6, 2019. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2019/08/07/n-7-6/>. Acesso em: 10 de junho de 2023.
- PASTERNAK, Natália; ORSI, Carlos. **Que bobagem! Pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério**. São Paulo: Contexto, 2023.
- RODRIGUES, Marcia. Barros. Ferreira. **História & Psicanálise: um diálogo possível**. Enlaces: psicanálise e conexões. Vitória: GM Gráfica e Editora, 2008.
- SANTOS, Luciana. Pucci; DE CARVALHO, Luis. Alfredo. Vidal. **Uma visão historiográfica entre a vida de Freud e a Psicanálise**. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 12., 2006, Rio de Janeiro. Anais [...] Rio de Janeiro: [s. n.], 2006. p. 1-7. Disponível em: <http://eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Luciana%20Pucci%20Santos%20e%20Luis%20Alfredo%20Vidal%20de%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 24 out. 2023.

SCHOLZ, Jonathan Marcel. **O mal-estar nos direitos humanos: afetos políticos e direitos humanos no Brasil (1945-1964)**. 2020. 211 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

STEINBACH, Amanda. Maíra. Psicanálise freudiana e história: possibilidades e limites da construção de uma história dos sentimentos. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 2-14, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28958>. Acesso em: 7 mai. 2023.

ROSA, C. T. da; WEINMANN, A. Notas para uma contribuição à historiografia psicanalítica. **Psicologia USP**, v. 33, e190005, p. 1-10, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/203527>. Acesso em: 30 abr. 2023.

Recebido em: 23 de maio de 2023

Aceito em: 26 de outubro de 2023
